

**SISTEMA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR: UM PROJETO COLETIVO COMO ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL<sup>1</sup>**

***SISTEMA DE EVALUACIÓN ESCOLAR: UN PROYECTO COLECTIVO COMO ALTERNATIVA PARA EL DESARROLLO PROFESIONAL***

***SCHOOL EVALUATION SYSTEM: A COLLECTIVE PROJECT AS AN ALTERNATIVE FOR PROFESSIONAL DEVELOPMENT***



Katia Verginia PANSANI<sup>2</sup>  
e-mail: katiapansani.kp@gmail.com



Mônica Piccione Gomes RIOS<sup>3</sup>  
e-mail: monica.rios@puc-campinas.edu.br

**Como referenciar este artigo:**

PANSANI, K. V.; RIOS, M. P. G. Sistema de Avaliação Escolar: um projeto coletivo como alternativa para o desenvolvimento profissional. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 35, n. 00, e024007, 2024. e-ISSN: 2236-0441. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v35i00.10112>



| **Submetido em:** 03/10/2023  
| **Revisões requeridas em:** 21/02/2024  
| **Aprovado em:** 26/06/2024  
| **Publicado em:** 15/08/2024

---

**Editores:** Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce  
Prof. Dr. Paulo César de Almeida Raboni  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

---

<sup>1</sup> Esse artigo é um recorte da dissertação de Mestrado em Educação defendida na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, intitulada AVALIAÇÃO DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR (SAEsc<sup>®</sup>): CONCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS (SP).

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), Campinas – SP – Brasil. Mestre em Educação PUC-Campinas (SP), Graduada em Direito PUC-Campinas (SP), Diretora do Sistema de Avaliação Escolar (SAEsc<sup>®</sup>), selos Progresso Bilingue e Lourenço Castanho, unidades escolares do Grupo Educacional ATMO.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), Campinas – SP – Brasil. Doutora em Educação PUC-SP, Mestre em Educação PUC-SP, Especialização em Avaliação à Distância UnB, Graduada em Pedagogia Faculdades Senador Fláquer. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação e da Graduação Licenciatura e Pedagogia da PUC-Campinas.

**RESUMO:** Esse texto tem o objetivo de apresentar o Sistema de Avaliação Escolar (SAEsc®), em uma perspectiva evolutiva, a partir dos anos de 2012 até o ano de 2022. O referido Sistema teve início em uma escola privada, estendido para onze escolas. O propósito inicial do SAEsc® foi a criação de estratégias operacionais de exequibilidade para a elaboração das avaliações dos processos de ensino e de aprendizagem, viabilizando ações de intervenção e recuperação. O percurso metodológico do presente texto assume caráter descritivo, considerando a flexibilidade que oferece ao transpor em palavras, experiências vivenciadas durante dez anos do trabalho exploratório realizado e os resultados obtidos, autorizando um recorte confiável na produção desse escrito. A relevância do SAEsc® tem se revelado no empenho das escolas que o recebem, manifesto na realização do trabalho coletivo, na disposição sistemática para o diálogo, e na busca consciente e contínua de melhoria da qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sistema de Avaliação. Avaliação de aprendizagem. Formação de professores.

**RESUMEN:** El objetivo de este texto es presentar el Sistema de Evaluación Escolar (SAEsc®) desde una perspectiva evolutiva, desde 2012 hasta 2022. Este sistema comenzó en una escuela privada y se extendió a once escuelas. El propósito inicial del SAEsc® fue crear estrategias operativas viables para evaluar los procesos de enseñanza y aprendizaje, posibilitando acciones de intervención y recuperación. El abordaje metodológico de este texto es descriptivo, dada la flexibilidad que ofrece para traducir en palabras las experiencias de diez años de trabajo exploratorio y los resultados obtenidos, autorizando un abordaje confiable para la producción de este texto. La relevancia del SAEsc® se ha revelado en el compromiso de las escuelas que lo reciben, manifestado en el trabajo colectivo, en la disposición sistemática al diálogo y en la búsqueda consciente y continua por mejorar la calidad de los procesos de enseñanza y aprendizaje.

**PALABRAS CLAVE:** Sistema de evaluación. Evaluación del aprendizaje. Formación de profesores.

**ABSTRACT:** This text aims to present the School Evaluation System (SAEsc®) from an evolutionary perspective, from 2012 to 2022. This system started in one private school and was extended to eleven schools. The initial purpose of SAEsc® was to create feasible operational strategies for evaluating teaching and learning processes, enabling intervention and recovery actions. The methodological approach of this text is descriptive, given the flexibility it offers in translating into words the experiences of ten years of exploratory work and the results obtained, authorizing a reliable approach to the production of this text. The relevance of SAEsc® has been revealed in the commitment of the schools that receive it, manifested in collective work, a systematic willingness to engage in dialogue, and a conscious and continuous search to improve the quality of teaching and learning processes.

**KEYWORDS:** Evaluation system. Learning evaluation. Teacher training.

---

## Introdução

Vamos aqui apresentar, resumidamente, a trajetória do SAEsc<sup>®</sup> a partir do ano de 2012 até o ano de 2022. Com base nas lições de André e Lüdke (1986, p. 13), “a obtenção de dados descritivos [na pesquisa qualitativa], obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto”. A opção, então, pelo procedimento descritivo permite-nos apresentar os processos das experiências recolhidas ao longo de dez anos, como um retrato inacabado de ações continuadas de vivências, suscetíveis ao compartilhamento.

O SAEsc<sup>®</sup> é um Sistema cujo propósito é criar estratégias operacionais de exequibilidade para a elaboração das avaliações dos processos de ensino e de aprendizagem, viabilizando ações de intervenção e recuperação.

O trajeto do Sistema de Avaliação Escolar (SAEsc<sup>®</sup>) teve início em um Colégio<sup>4</sup> privado. Quando chegamos na unidade escolar, o objetivo era realizar a edição de questões de prova. Foi daí que o embrião do Sistema se constituiu por meio do trabalho de edição dos instrumentos avaliativos. Não nos cabe, aqui, descrever detalhes dessa realidade, o que importa é dizer que ela exigiu de nós o reconhecimento da situação e o desenho de estratégias, a começar pelo pedido de ajuda externa de professores com conhecimentos que não se restringiam às suas especialidades, mas também que trouxessem na bagagem a experiência na elaboração de avaliação e, principalmente, que tivessem uma visão alargada de mundo.

As pessoas referidas foram escolhidas e convidadas a formar um grupo de professores-investigadores, eram mestres, doutores e pós-doutores. Foi importante que essa escolha tivesse sido feita de maneira intuitiva<sup>5</sup>, pois acreditamos que a diversidade requer reconhecimento verdadeiro, ações colaborativas e coletivas, exigentes quanto ao compartilhamento responsável.

Foram três anos de leitura dos instrumentos avaliativos, do Ensino fundamental (2º ao 9º ano) ao Ensino Médio (1ª a 3ª série<sup>6</sup>), mas a leitura em si era ineficaz se não houvesse, de algum modo, a participação dos professores. Demoramos para encontrar um meio que viabilizasse espaços<sup>7</sup> de diálogo, esse, imprescindível, mesmo que de maneira virtual,

<sup>4</sup> Essa unidade trabalha com todas as etapas da Educação Básica, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Nesse trabalho, iremos utilizar, preferencialmente, a expressão “unidade escolar”.

<sup>5</sup> Para Bergson “intuição significa principalmente consciência, mas consciência imediata, visão que mal se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato ou até coincidência” (Abbagnano, 1999, p. 582).

<sup>6</sup> Nomenclatura utilizada pelo grupo educacional.

<sup>7</sup> Para efeito desse artigo entendemos espaço como espaço formativo em que se promove a interação entre os sujeitos participantes. Quanto ao significado da palavra “sujeito” seguimos com Lacan: “indivíduo não é sujeito, indivíduo é cada um de nós. Sujeito é aquele que transforma, por meio de um processo complexo que exige consciência, experimentação e linguagem” (Ferreira-Lemos, 2011, p. 101 s.).

considerando o número de professores para um grupo pequeno de leitores e um prazo exíguo para a finalização do processo de produção dos instrumentos avaliativos. Gestores e docentes, ao invés de confluírem para o processo de ensino e da aprendizagem, o tempo e a energia eram direcionados para demandas que se expressavam em dois significados: competição e resistência.

Em 2017, demos início a um protocolo. Era o começo de diálogo<sup>8</sup> com o professor, apresentado de forma virtual por meio de balões de comentários, realizados entre os professores-leitores e os professores-elaboradores. Esse protocolo privilegiava cinco tópicos: (i) conteúdo, (ii) adequação de linguagem, (iii) funcionalidade textual, (iv) diagramação<sup>9</sup> e (v) ações procedimentais.

### **O Departamento Editorial Escolar – DEE/SAEsc<sup>®</sup>**

O DEE/SAEsc<sup>®</sup> abraça diversos macro e microprocessos. Nesse estudo, apresentaremos, em linhas gerais, os macroprocessos. As linhas pontilhadas na figura 1 informam processos realizados em momentos específicos em decorrência de algumas ações. Outra observação importante é que muitos desses processos correm concomitantemente, portanto, essa figura 1 serve apenas como um panorama planejado e setorizado do DEE. O Controle de Recebimento de Originais (CRO), conforme Figura 1, é um documento que orienta a produção para o destino do original. Ele indica as unidades, o segmento, o período, o ano letivo e as datas de entrada e de aplicação das avaliações previstas no calendário escolar unificado<sup>10</sup>.

É ainda nesse processo que o roteiro de estudos é extraído do formulário de entrega de originais e planilhado, para ser conferido pela orientação. Na data prevista no Calendário do sistema e da escola, o DEE disponibiliza o roteiro atualizado para que a orientação efetue a devida publicação.

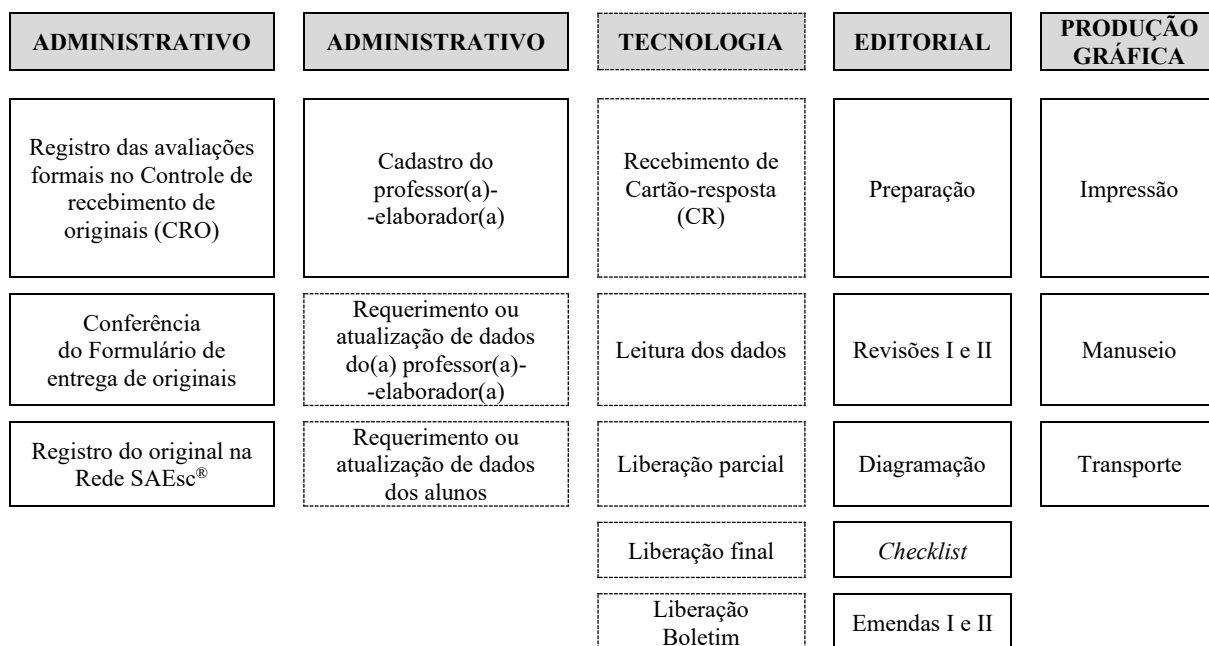
---

<sup>8</sup> Segundo Freire (2019b, p. 109) “O diálogo é um encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

<sup>9</sup> Ela deve cuidar do desenho gráfico, pois, conforme Bringhurst (2005, p. 23) “a tipografia existe para honrar o seu conteúdo”, e isso significa que o uso visual das palavras, ou seja, o seu tamanho, a sua forma, a sua disposição, precisa respeitar o leitor, cumprindo o seu princípio de legibilidade (Bringhurst, 2005).

<sup>10</sup> Nesse texto, a “unificação” é uma medida encontrada pelo pedagógico das unidades escolares e pelo SAEsc<sup>®</sup> para viabilizar o trabalho coletivo, em um esforço contínuo de aprendizado.

**Figura 1 – Processos do DEE/SAEsc®**



Fonte: Elaboração da autora.

Cumpra ratificar que o roteiro está vinculado ao Quadro Descritivo (QD) definido pelos professores e validado pelas coordenações.

**Quadro 1 – Quadro geral para identificação de originais<sup>11</sup>**

Grupo	Segmento	Tipo de avaliação e período (bimestre)	Ano/Série	Abreviatura da disciplina
G <sub>n</sub>	EFI, EFII, EM	PO, RCA, RC (1, 2, 3, 4)	3º EFI a 3ª EM	Bio, Cie, Esp, Fil, Fis, Gra, Geo, HG, His, Ing, Lit, Mat, Por, PT, Qui, Red, Soc

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 1 ilustra como os documentos devem ser registrados e referenciados na rede SAEsc®. Especifica-se o formato como G1\_EM\_PO1\_1\_Lit, que se refere à Prova Aplicada nas unidades que utilizam material de ensino “X” para o Ensino Médio. Trata-se de uma Prova Objetiva do 1º bimestre, da 1ª série, de Literatura. A Ordem de Serviço (OS) é designada como um Registro Geral (RG), com o nome do arquivo fixado no lado direito da margem superior do

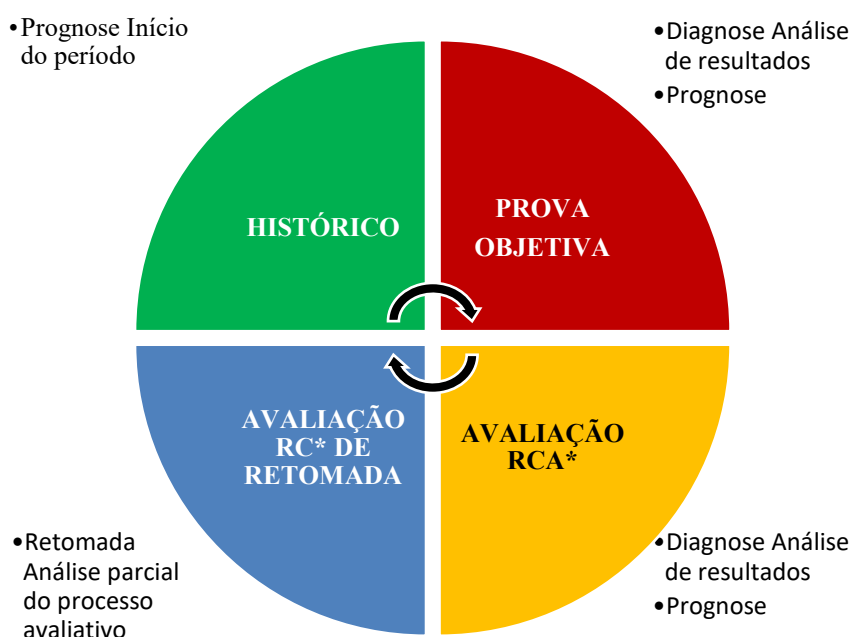
<sup>11</sup> LEGENDA Ensino fundamental anos iniciais (EFI), Ensino fundamental anos finais (EFII), Prova Objetiva (PO), Resposta Construída Aberta (RCA), Resposta Construída (RC). Biologia (Bio), Ciências (Cie), Espanhol (Esp), Filosofia (Fil), Física (Fis), Gramática (Gra), Geografia (Geo), História e Geografia (HG), História (His), Inglês (Ing), Literatura (Lit), Matemática (Mat), Português (Por), Produção de texto (PT), Química (Qui), Redação (Red), Sociologia (Soc).

NOTA 1 As abreviaturas seguem o critério da praticidade para registro na rede SAEsc®. NOTA 2 Todas as nomenclaturas referem-se ao uso do Colégio que deu origem ao Sistema.

documento, na área de maior visibilidade e fácil identificação. Algumas pessoas preferem utilizar o rodapé para essa informação.

No início de cada ano, deve-se solicitar uma lista contendo o registro do aluno (RA), nome completo, ano ou série e turma. A partir dessa lista, é gerado um mapa com o número de alunos, o qual será utilizado para a elaboração das saídas de notas dos relatórios gerados pelas POs, para a formulação das planilhas de impressão e para o rateio<sup>12</sup> dos pagamentos dos professores e fornecedores de serviços do DEE.

**Figura 2** – Ciclo da avaliação formal processual<sup>13</sup>



Fonte: Elaboração da autora.

O SAEsc<sup>®</sup> produz uma PO por período. Seu propósito é a realização de um prognóstico para a avaliação de resposta construída aberta. Ela é um instrumento parcial, porque nela é trabalhada parte dos objetivos do período “garantindo que professores e coordenação tenham um retorno prévio do desempenho dos alunos, com tempo hábil para rever conteúdos e habilidades que aparentem ainda estarem frágeis” (Martins, 2020, p. 37).

<sup>12</sup> Esses rateios só deverão ser realizados se o DEE estiver inserido dentro de uma rede. Cabe salientar que registramos todos os custos e despesas do Sistema por meio do Orçamento Base Zero (OBZ), ou seja, tudo é planilhado por setor do DEE, apresentado de maneira rateada por escola e por aluno. Em síntese, ele permite um completo alinhamento com a gestão orçamentária e o planejamento estratégico do grupo educacional.

<sup>13</sup> O período escolar adotado para fins deste trabalho é o bimestral. LEGENDA: **Histórico** – Histórico escolar, prova de entrada sem pontuação mais registros do aluno. **RCA** – Resposta construída aberta de natureza longa. **RC** – Resposta construída fechada ou aberta de natureza curta ou longa.

Essa PO tem uma estrutura específica para cada ano do EFII e para cada série do EM. O modelo respeita o formato progressivo, conforme disposto no Mapa de Avaliação, tanto na composição dos itens quanto em seu objetivo. As provas do EM ganham um contorno próximo ao de um simulado misto, a fim de que os alunos se familiarizem com os formatos dos itens de seleção dos principais vestibulares do país, todavia os objetivos se mantêm na linha do QD elaborado pelos professores e do roteiro de estudos publicado.

Tratando-se de PO, o SAEsc<sup>®</sup> desenvolve um processo paralelo que começa com o término das aplicações das parciais (no EFII) e dos simulados (no EM) e recebimento dos cartões-resposta (CR) de cada unidade com data definida em Calendário do SAEsc<sup>®</sup>. Este processo atualiza a lista dos alunos de cada unidade, realiza a leitura dos cartões, executa processamento desses dados e libera relatórios de primeira ordem, deixando livre os dados para a direção a fim de produzir outros dados pertinentes. Esse processo é célere para que coordenações e docentes possam trabalhar com os resultados e, no prazo previsto em Calendário SAEsc<sup>®</sup>, liberam-se os relatórios finais e os dados organizados e limpos para a devida análise.

Enquanto todo esse processo é realizado, outra equipe prepara e revisa as avaliações de respostas construídas abertas. A estrutura do item<sup>14</sup> deve abrigar, via conteúdo, objetivos e habilidades, alguns especificados no QD e outros implícitos, porque provenientes das estruturas formativas de repertório que a escola constrói e quaisquer outras relações constituídas dentro e fora dos muros da escola. Todas essas realidades fazem parte do que poderá compor a intrincada tarefa de contextualização do item. Essas ações cumprem um fazer coletivo. É por isso que dizemos que a avaliação SAEsc<sup>®</sup> não é de UM, mas de TODOS. Investimos no ganho formativo oriundo entre professores de diversas realidades, aprendendo e ensinando numa troca de experiências contínua. Quanto mais disposição para a troca, maior será o entrosamento do grupo, que pode (e deve) constituir uma área coesa. A partir daí, temos um instrumento avaliativo singular, fruto dos saberes dos docentes para instigar os estudantes que se propõem a “aprender a apreender”<sup>15</sup>, pois só assim o avaliado e o avaliador poderão se autoavaliar de forma consciente e não apenas de maneira racionalizada e adaptada, isto é, efetividade, e o professor reforça sua aptidão de compreender a procedência das dificuldades que podem se apresentar nas correções.

O papel da preparação é o de customizar o instrumento, mas não só,

<sup>14</sup> A denominação “item” foi assumida pela escola, em 2013. Usamos “questão” apenas para as tarefas de sala.

<sup>15</sup> Aprender no sentido de adquirir conhecimento ou habilidade por meio do estudo e da prática. Aprender no sentido de compreender, assimilar e saber fazer uso de conhecimento ou habilidade adquirida. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 7 maio 2023.

ela serve, antes de tudo, para dar homogeneidade, praticidade e coerência à produção. O [DEE] segue, de forma assistemática a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas também se permite ser o criador de suas próprias regras<sup>16</sup>, num espaço muito particular e específico (Temple, 2020, p. 88) [que é o espaço dos instrumentos avaliativos SAEsc<sup>®</sup>].

A figura 3 traz um balão de comentários, do tipo “modelo geral”<sup>17</sup>.

A ideia do balão é dar início ao que servirá de princípio de diálogo. Uma tarefa que exige foco, tranquilidade e respeito em relação ao pensamento do professor(a)-elaborador(a). Esta consideração é fundamental, porque a atuação do revisor<sup>18</sup> pode sacrificar o conteúdo do professor(a)-elaborador(a) e prejudicar todo o esforço de um trabalho que deve ser o mais próximo possível da sua real expressão. A postura do revisor é de responsabilidade e humildade.

**Figura 3** – Balão de comentários geral e protocolar

G1_EFI_RCA1_1_Dis	<b>Balão de Comentários</b> e-mail institucional do emissor do balão	
	<b>Mapa de Avaliação –</b> <b>Quadro descritivo (QD) –</b> Roteiro de estudos <b>Descrição do item –</b> Observação –  <b>Conteúdo (Conceito/Atualização) –</b> <b>Adequação de linguagem –</b> <b>Funcionalidade textual –</b> Observação –	<b>Resposta da Coordenação</b>  <b>Resposta do(a) Professor(a)-elaborador(a)</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Há um texto de Luis Fernando Verissimo (bastante característico para ilustrar o poder do revisor<sup>19</sup>) denominado “Cuidado com os revizores” – e é com “z”, mesmo.

<sup>16</sup> As regras do DEE servem de chaves de segurança.

<sup>17</sup> “Modelo geral”, porque não corresponde *ipsis litteris* (tal como está escrito) ao documento. Esse seria o balão idealizado de início, mas com o tempo ele foi se aprimorando e respeitando as características de cada emissor. Ratifica-se, apenas, a importância de que esses balões sejam elaborados com extremo respeito segundo o roteiro disposto.

<sup>18</sup> A referência à figura do revisor pode se confundir com a do assessor-pedagógico, com a do revisor técnico de conteúdo ou com a do revisor de linguagem. Todos eles utilizam o balão de comentários, cada qual com objetivos próprios, consoante a natureza da função que ocupa, mas sempre respeitando o protocolo-base.

<sup>19</sup> “Existe um exemplo histórico do que a revisão desatenta – ou mal-intencionada – pode fazer. Uma das edições da Versão Autorizada da Bíblia, publicada na Inglaterra por iniciativa do rei James I, no século XVII, ficou conhecida como a ‘Bíblia má’, porque a injunção ‘Não cometerás adultério’ saiu, por um erro de impressão, sem o ‘não’. Ninguém sabe se o volume de adultérios entre os cristãos de fala inglesa aumentou em decorrência dessa inesperada sanção bíblica, até descobrirem o erro, ou se o revisor e o impressor foram atirados numa fogueira juntos, mas o fato prova que nem a palavra de Deus está livre do poder dos revisores” (Verissimo, 1995, p. 36-37).



A importância da revisão técnica ou de linguagem, segundo Temple (2020), é uma apenas, ou seja, a de adequar o texto ao seu fim. Para isso é preciso que ocorra interação entre professor(a)-elaborador(a) e revisor. E finaliza:

a interação pode se realizar levando-se em conta vários aspectos como, por exemplo: (a) Comportamento: professor(a)-elaborador(a) e revisor precisam estar desarmados; (b) Estratégia: buscar, sem constrangimento de ambas as partes, tudo o que pode desabonar [o instrumento], considerando principalmente a disciplina, o ano, o formato, [o contexto] e o aluno; c) Princípios: responsabilidade para lidar com [o instrumento], respeito pela competência das partes, grandeza de espírito para reconhecer os próprios limites e os próprios erros, honestidade e transparência nas atitudes acadêmicas e pessoais. Convém lembrar, humildemente, que, nesse barco, ambos terão sempre um inimigo em comum: “aquele erro que passou e ninguém viu” (Temple, 2020, p. 42-43).

Cabe dizer, ainda, que a revisão técnica, quando existente, não exime o professor(a)-elaborador(a) e demais professores da responsabilidade de estudar. Para além, como ensina Freire, cabe ao Educador impregnar-se e agir segundo a “ética universal” (2019a, p. 17). Este é um compromisso de todo Educador. O revisor técnico representa mais um olhar apurado e atualizado, normalmente, por estar dentro ou próximo de instituições de pesquisa.

A indicação G1\_EFI\_RCA1\_3\_Dis (à esquerda do balão) é o registro do documento em nosso sistema, conforme mencionado anteriormente (é o seu RG). Ele significa que o documento pertence ao grupo 1 cujo material de ensino é “X”, que será aplicado no Ensino fundamental anos iniciais (EFI), que é do tipo resposta construída aberta, do primeiro bimestre, 3º ano, disciplina “Y”.

É importante esclarecer que esse é o balão geral, pois abaixo dele podem aparecer balões específicos com comentários diretos, comunicativos, do tipo “sugestão” ou “ajustes feitos”.

Há que se saber que a diagramação<sup>20</sup>, como informa Zullo e Zullo (2020), é outro ponto importante para que o item atinja seus fins. Um texto desorganizado, poluído, conduz o aluno, muitas vezes, ao erro. O objetivo é sempre buscar clareza, objetividade e simplicidade.

Cada tipo de instrumento possui um modelo<sup>21</sup> (*template*). O que dá respeitabilidade ao instrumento avaliativo é sua capacidade de atingir os seus fins, consoante a sua estrutura. Um dos cuidados é a sinalização das tonalidades de cinza em mapas, gráficos e outros suportes. Privilegiamos hachuras, referência numérica ou letras, pois um descuido na calibragem da

<sup>20</sup> A diagramação é o elemento “invisível” da página. Ela se enuncia por cores e espaços vazios, brancos, tamanhos de tipos, linhas divisórias. É importante entender que distribuição, posicionamentos e dimensões da imagem, da tabela, do gráfico exercem impacto no leitor e servem como balizadores da interpretação (Camargo, 2008).

<sup>21</sup> Entendemos “modelo” como padrão gráfico fixado pelo DEE que servirá para construir outros tipos idênticos.

impressora pode causar ilegibilidade, invalidando o item. Nossos instrumentos são impressos em papel produzido a partir do bagaço de cana-de-açúcar e isso traz uma série de benefícios: esse papel utiliza menos água do que o papel pardo reciclado, conforme informa o Centro Universitário de Viçosa<sup>22</sup>. Além disso, sua coloração não é tão alva, resultando baixo reflexo e menor cansaço visual durante a leitura, bons resultados em provas objetivas que se estendem por cinco horas.

Outra ação da diagramação, de forma exemplificativa, é atribuir qualidade tipográfica que tenha ritmo, homogeneidade textual (Bringhurst, 2005). Isso é obtido por meio de um espaçamento adequado na fixação de um *template*. Esse procedimento elimina do instrumento inúmeros obstáculos que o estudante poderia enfrentar, como a poluição visual ou até a deformação de tipos, seja na forma condensada ou expandida.

A impressão é sob demanda. Isso acontece pelo número de disciplinas em cada ano ou série. Por este motivo, inclusive, todos os instrumentos são 1x1, ou seja, impressos em preto no anverso e no verso. Essa opção evita problemas diversos que a prova colorida pode nos trazer, como exemplos: máquina desregulada, presença de alunos com distúrbio sensorial visual, não diagnosticado, como daltonismo, hiperfoco presente em transtornos, etc.

A planilha de impressão não prevê sobra de avaliações, se não aquelas para registro na secretaria ou eventual cópia, se necessário. Todas as avaliações são envelopadas, separadas por disciplina, ano ou série, com etiqueta – quantidade atualizada e demais dados específicos de cada unidade. Os envelopes são registrados, e a entrega é realizada dois dias antes da avaliação, mediante protocolo. A partir da data do recebimento das avaliações pela secretaria da unidade, o SAEsc<sup>®</sup> deixa de se responsabilizar pela segurança e pelo sigilo do instrumento, que passa a ser de inteira responsabilidade da unidade escolar.

Todos os instrumentos trazem orientações para a aplicação, de instruções de rotina, a início e término de cada avaliação. Os dias de aplicação são definidos pelas diretorias e validados pelas coordenações e professores constantes do Calendário unificado. É importante ratificar que essas datas e a ordem de aplicação não devem ser modificadas pelas unidades sob pena de macular a base da unificação, como a questão do sigilo do instrumento.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.univicoso.com.br/uninoticias/acervo>. Acesso em: 26 set 2023.

## Os requisitos do Departamento Editorial Escolar – DEE

Os três requisitos essenciais do DEE são traduzidos da seguinte forma: (i) normalização do Mapa dos instrumentos de avaliação, (ii) planificação do Quadro Descritivo (QD) extraído do currículo da escola referenciado à BNCC<sup>23</sup>, e (iii) ordenação do Calendário das atividades que envolvem os instrumentos de avaliação, arranjados a partir do calendário escolar, seja ele criado por uma escola ou unificado, se oriundo de diversas escolas.

### Calendário SAEsc<sup>®</sup>

Quanto ao Calendário, sua construção tornou-se um “trabalho de ourives”, por duas razões:

I. O DEE acolheu outras escolas do mesmo grupo educacional e, portanto, precisou se organizar dentro de uma estrutura única em matéria de avaliação oficial. A partir de 2013, e ao longo dos anos, novas escolas foram entrando no Sistema. Dessa forma, a unificação foi tornando o Calendário um documento desafiador.

Os Calendários unificados de cada segmento da escola se aprimoraram, ano após ano, até que no planejamento, iniciado em setembro de 2022, para vigência em 2023, o DEE conseguiu autorização dos gestores para elaborar um Calendário do DEE/SAEsc<sup>®</sup> a partir do Calendário escolar unificado, o que tornou nossas práticas mais visíveis, mais acessíveis, com a transparência que sempre desejamos.

Cabe anotar que esse Calendário unificado da escola é construído de forma coletiva pelos diretores de cada escola. Ele nasce do Calendário engendrado pela Direção-geral pedagógica. No final do ano letivo, dá-se o início do Calendário SAEsc<sup>®</sup>, finalizado com o Calendário escolar em janeiro. Fechadas as datas das avaliações, não há mais modificações. O Calendário escolar poderá sofrer alterações em outras datas no curso do ano letivo, exceto naquelas referentes às datas de aplicação dos instrumentos de aprendizagem.

II. A periodicidade adotada pelas escolas do grupo é bimestral<sup>24</sup>, e isso exige um exercício orquestrado e contínuo de tempo para a gestão e para o DEE, o que nos obrigou a uma

---

<sup>23</sup> Base Nacional Comum Curricular, instituída pela Resolução do CNE/CP n. 2 de 2017 e seu Anexo. Este documento é de caráter normativo e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, como direito das crianças, jovens e adultos, no âmbito da Educação Básica escolar, e orienta sua implementação pelos sistemas de ensino das diferentes instâncias federativas, bem como pelas instituições ou redes escolares (art. 1º, *caput*).

<sup>24</sup> Para o DEE seria ideal a periodicidade trimestral, pois assim teríamos mais tempo para colher informações com maior rigor reflexivo entre um instrumento e outro.

prática otimizada de tarefas para cumprimento dos prazos de aplicação dos instrumentos avaliativos, sobretudo considerando o período de análise dos resultados e a consequente tomada de decisões de gestores e docentes.

Geralmente, as ações presentes no Calendário iniciam-se em janeiro, com datas de reuniões para definir particularidades do ano de entrada. Em seguida, apresenta o período de Avaliação Aberta, tratada mais adiante, que é sempre a segunda atividade para compor o Ciclo avaliativo, posto que a primeira, do 1º bimestre, é a elaboração do QD, fechado em novembro do ano anterior<sup>25</sup>. É de se observar que o 1º bimestre é um período bastante agitado dentro da escola, porque todas as acomodações e imprevisibilidades aparecem, em maior número, nesse momento. Outro ponto importante, na perspectiva de professores, e que pode ser oficializado pela gestão do grupo, é a prova de entrada para os alunos novos, com uma abordagem dos requisitos essenciais para o ano ou série que irão cursar, obviamente sem cômputo de nota. Esse dado comporá o histórico inicial do aluno, ou seja, é mais um elemento que dará início ao alinhamento da documentação do estudante que irá se formar a partir da entrada.

O prazo de entrega das RCAs é figurado logo após a Avaliação Aberta; em seguida é divulgado o roteiro de estudos e, dois dias após, o roteiro oficial é publicado. Para finalizar, é dado o prazo de entrega dos originais das RCs, depois abre-se o prazo do QD do 2º bimestre e, assim, o Calendário continua. Duas ou três semanas antes das RCAs, os relatórios de resultados das POs são divulgados. Após a conclusão das RCAs, temos o período de retomada e, então, fecha-se o ciclo.

O Calendário, observando prazos e datas, também sofre com surpresas, porque há algumas ações que perdem elasticidade dentro dos prazos predeterminados, como é o caso do 1º bimestre, muito curto e denso, o que, por vezes, obriga-nos a acolher mudanças repentinas externas à escola.

Entendemos a escola como um organismo multicultural – no sentido dado por Boaventura Santos<sup>26</sup>. Quando esse organismo trabalha de forma unificada, a escola torna-se o lugar em que os acontecimentos gestam realidades altamente complexas e exigentes. Ou seja: no que diz respeito à criação de processos e procedimentos, estes se tornam imprescindíveis.

---

<sup>25</sup> As POs do 1º bimestre são produzidas pelos professores logo depois da entrega do QD do 1º bimestre, em novembro, para que seja produzido durante o mês de janeiro e aplicado em meados de fevereiro. Essa prática não é a mais bem indicada pelo SAEsc®, todavia é aquela exequível hoje (2023).

<sup>26</sup> Em que o multiculturalismo se “assenta fundamentalmente numa política, numa tensão dinâmica, mas complexa, entre a política de igualdade e a política da diferença [...] parte do pressuposto de que as culturas são todas elas diferenciadas internamente e, portanto, é tão importante reconhecer as culturas umas entre as outras, como reconhecer diversidade dentro de cada cultura e permitir que dentro da cultura haja resistência, haja diferença” (2001, p. 21).

As ações são de natureza flexível, consoante alguns limites de cunho de exequibilidade e, por isso, podemos dizer que essa flexibilidade deve ser compreendida como uma “flexibilidade consciente”, o que significa que a escola não deve agir por interesse próprio, mas por interesse, inclusive, da diversidade que a unificação permite ver. O reconhecimento das diferenças pode ser genuíno a partir do momento em que elas se reúnem em comum acordo, constituindo deste diálogo uma amálgama transformadora, uma essencialidade única (Santos, 2003).

### Mapa de avaliação do SAEsc®

O primeiro documento elaborado no DEE foi o Mapa de Avaliação, que, embora baseado em modelos anteriores, não mais atendia aos novos interesses voltados para a transformação. Assim, o documento passou a ter um formato padronizado, permitindo flexibilidade consciente e ajustando-se aos estudos contínuos e inacabados da equipe pedagógica para a qual o DEE foi instituído.

Esse documento registra, de forma geral, os seguintes pontos: (i) o tipo de material de ensino; (ii) o segmento; (iii) a disciplina; (iv) o grau de dificuldade (GD)<sup>27</sup>; (v) a pontuação mínima e máxima por item; (vi) o número de itens e subitens; (vii) a estrutura de cada instrumento avaliativo; (viii) o tempo máximo e mínimo de permanência para cada tipo de documento; (ix) as observações específicas, como o número diferenciado de itens em uma disciplina específica, o design diferenciado (por exemplo, na disciplina de idiomas, onde se pode ter inglês dividido em partes); e (x) a composição de notas de cada grupo ou unidade.

Ele apresenta o resultado das análises pedagógicas contínuas realizadas pela gestão e pelos docentes. Por exemplo, no 6º ano, utiliza-se a diagramação em uma única coluna; no 7º ano, a diagramação é feita em duas colunas, mantendo o número de itens; no 8º ano, o número de itens é aumentado, mas mantém-se o período de quatro dias para aplicação; e no 9º ano, o número de itens permanece o mesmo, porém a aplicação é realizada em um único dia.

O Mapa também gerencia os dias de aplicação. Há um esforço para manter as mesmas disciplinas dos diversos segmentos nos mesmos dias, a fim de otimizar as tarefas e aumentar a segurança e eficiência na produção. No entanto, esse esforço pode enfrentar desafios pedagógicos, e, nesse caso, a prioridade é dada ao aspecto pedagógico, desde que não

---

<sup>27</sup> O grau de dificuldade ou índice de dificuldade do item “indica a proporção de porcentagem dos alunos que responderam à um item de prova corretamente” (Russell; Airasian, 2014, p. 360), para nós ele sinaliza o quanto o professor-elaborador conhece do universo para o qual contribui na construção do item. Quanto mais entrosado com os pares, maior será sua capacidade de análise e ponderação. O gestor percebe esse quadro em um dos relatórios finais que produzimos, em que há um quadro comparativo do GD definido e aquele mostrado pela realidade dada após a aplicação.

inviabilize a execução do trabalho.

O tempo de aplicação varia, mas, em geral, segue um mínimo médio de três minutos por item de Prova Objetiva (PO) e de dez minutos por item de Relatório de Competência Avaliativa (RCA), o que requer duas aulas de 50 minutos para cada disciplina de RCA. O tempo mínimo ou a extensão do tempo são administrados pelos gestores. Para os simulados no Ensino Médio (EM), o tempo mínimo de permanência em sala é de três horas e o máximo é de cinco horas. Além disso, o Mapa detalha a composição de notas de cada grupo, unificando as informações de forma detalhada.

### **Quadro Descritivo do QD/SAEsc<sup>®</sup>**

Outro documento que se mostrou necessário foi o Quadro de Diagnóstico (QD), produto de um insight da equipe de revisão. O primeiro QD a ser elaborado foi para o Ensino Fundamental II (EFII), em 2017. Este documento foi desenvolvido com base no conteúdo e nos objetivos de aprendizagem estabelecidos pelos professores, sob a supervisão das respectivas coordenações de segmento, com o intuito de planejar cada instrumento avaliativo aplicado pela escola.

Durante a elaboração do QD, surgiram algumas dificuldades. Para compreendê-las, foi necessário examinar as práticas diárias dos professores para entender melhor as dificuldades encontradas. Para possibilitar essa tarefa, foi escolhido o Ensino Fundamental I (EFI) para a aplicação de um projeto piloto. A partir disso, foram criados espaços de diálogo que contribuíram para que a escola se consolidasse como um ambiente de aprendizagem.

Como ressalta Canário (1998), a escola é um local onde os professores desenvolvem suas competências profissionais. Porém é preciso ter atenção “afirmar que os professores aprendem a sua profissão nas escolas não deve ser confundido com a ideia segundo a qual os professores só aprenderiam a sua profissão nas escolas” (1998, p. 9). Cabe ainda ressaltar que

a chave para a produção de mudanças (simultâneas) ao nível dos professores e ao nível das escolas passa, então, a residir na reinvenção de novos modos de socialização profissional o que constitui o fundamento mais sólido para encarar como uma prioridade estratégica o desenvolvimento de modalidades de formação “centradas na escola” (Canário, 1998, p. 10).

Conforme a realidade da escola e durante as atividades diárias, foi criado um espaço de diálogo centrado no instrumento avaliativo, desde sua elaboração até a intervenção e revisão no segmento do Ensino Fundamental I (EFI). Este espaço busca inspiração em Paulo Freire, que

ensina que o diálogo deve ser uma relação de colaboração entre as partes, sem hierarquização ou supremacia de um sobre o outro.

O Quadro de Diagnóstico (QD) é desenvolvido com o objetivo de ser formativo, ajudando os professores a compreender o conteúdo, os objetivos e as habilidades envolvidas. Anteriormente, havia dificuldades em fazer com que os professores distinguissem essas três dimensões. Atualmente (2023), os professores têm apresentado materiais com essas especificações de forma clara, com a motivação adicional proporcionada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este enfoque permite que os docentes exerçam maior autonomia, refletindo uma mudança significativa nas salas de aula, que, por sua vez, proporciona mais confiança e segurança nas práticas docentes. O QD é uma referência construída colaborativamente, embora muitos não percebam diretamente, apenas sintam o funcionamento da engrenagem.

É importante reconhecer que cada sujeito tem a capacidade de transformação, embora exista um tempo necessário para a maturação do entendimento. Por isso, o SAEsc® oferece ações, como a Avaliação Aberta, para remover obstáculos que dificultam esse processo de deslocamento.

Além disso, o QD é um documento em constante evolução. Cada vez que é revisitado, ele se modifica, refletindo mudanças nas ideias e nas práticas. Não são apenas os dias do calendário que mudam, mas também os sujeitos que compõem a escola e as relações entre eles. Esse dinamismo cria uma nova atmosfera e os movimentos gerados pelas ações e omissões nunca se esgotam. Esse processo de mudança contínua promove o crescimento e a criação de conhecimento por meio das interações.

### **Espaços de diálogo proporcionados pelo SAEsc®**

Os espaços de diálogo proporcionados pelo SAEsc® configuram-se como um diferencial significativo, contribuindo substancialmente para o exercício da docência, especialmente no que concerne à avaliação de aprendizagem.

No esforço de articulação entre o DEE, a gestão escolar e o setor pedagógico, busca-se fortalecer a participação e a autonomia necessárias para o desenvolvimento do trabalho escolar dentro de uma perspectiva democrática, garantindo voz nos processos decisórios.

O que movimenta a escola é o aspecto pedagógico. Essa afirmação remete ao pensamento de Libâneo:

A autonomia das escolas depende de uma reconfiguração das práticas de gestão e dos processos de tomada de decisões. As formas de administração estão, ainda, carregadas de práticas autoritárias, centralizadoras. Mas, ao serem criticadas essas práticas, foi perdido o entendimento de que a gestão implicava modos de fazer e agir e não apenas ações políticas. Ou seja, foi perdido o equilíbrio entre o lado político e o lado técnico das práticas de gestão. A participação de todos os membros da escola nos processos decisórios não exclui a necessidade de planejar, de administrar, de coordenar o trabalho das pessoas, de fazer o acompanhamento e a avaliação sistemática do trabalho escolar. Autonomia e participação não podem servir para deixar as escolas ao abandono, funcionando às cegas. Por essa razão, é fundamental que a investigação pedagógica se dedique a estudos sobre o tema da gestão das escolas (Libâneo, 2001, p. 21).

Para que o SAEsc® participe efetivamente da elaboração de um instrumento de avaliação e assegure que este possua um propósito transformador, é necessário que o instrumento seja impregnado de um propósito que vá além da mera excelência funcional. Em outras palavras, é fundamental compreender que “avaliação é um processo para compartilhar responsabilidade e não para imputá-la” (Guba; Lincoln, 2011, p. 291).

O objetivo a ser enfatizado é que, sem o processo formativo dentro da escola e sem um “fazer dialógico” (Freire, 2019b), o SAEsc® pode se tornar um sistema vazio, reduzido a uma vitrine cujo único propósito é ocultar a falta de efetividade e ampliar a distância das desigualdades.

### **1º Momento – Espaço de diálogo durante a elaboração do Quadro Descritivo (QD)**

O Quadro de Diagnóstico (QD) é um documento fundamental na prática docente. Através dele, a capacidade do professor para trabalhar coletivamente deve ser manifestada de maneira clara. O saber docente é plenamente expresso neste documento, uma vez que é nesse momento que o professor revela sua eticidade, conforme Freire (2019a, p. 19), que define a eticidade como a “vocação ontológica para Ser Mais”. O QD é, portanto, um documento formativo, no qual professores experientes devem contribuir com suas vivências e saberes, participando de forma responsável, por exemplo, ao analisar os materiais de ensino e projetá-los ao longo do tempo para seu desenvolvimento em cada ano ou série.

Essas são tarefas desafiadoras para os professores que ingressam no Sistema, pois envolvem planejamento e antecipação de situações que apenas a experiência permite vislumbrar. Esse processo retira o professor da zona de conforto e da mera reprodução dos materiais de ensino, estimulando a reflexão sobre suas ações e a realização de escolhas mais efetivas.



Em síntese, o QD faz parte do currículo e serve como parâmetro para a elaboração dos instrumentos avaliativos. Seu conteúdo deve refletir os elementos necessários para a avaliação e não deve estar além ou aquém do que é estipulado no QD. Assim, a aula deve superar o que está registrado no QD. Para concluir, é importante destacar que o QD não deve ser utilizado para que os elaboradores e parceiros “deem aula para a prova”. O propósito do SAEsc® é, antes de tudo, oferecer ao aluno a autonomia para enfrentar qualquer prova, e não apenas a elaborada por seu próprio professor, conforme enfatiza a Diretora da unidade de origem do Sistema.

## **2º Momento – Espaço de diálogo durante a revisão do instrumento avaliativo**

O segundo momento de formação oferecido ao professor ocorre durante o processo de revisão. Este estágio tem se revelado bastante produtivo, promovendo significativas trocas entre os professores elaboradores e os revisores.

Os avanços nessa área do Departamento de Educação (DEE) têm sido notáveis. Observa-se uma melhoria consistente na qualidade dos originais recebidos e uma redução no volume de intervenções necessárias.

## **3º Momento – Espaço de diálogo durante o momento da realização da Avaliação Aberta**

A Avaliação Aberta é o momento em que o professor ou professora elaborador(a) e os parceiros se reúnem por meio de um canal on-line institucionalizado, com o objetivo de aprimorar o instrumento avaliativo formal. Durante essa etapa, discutem-se experiências, abordagens e saberes, promovendo um sentimento de pertencimento.

O Calendário SAEsc® reserva um período, imediatamente após a publicação do Quadro de Diagnóstico (QD) oficial, para que o elaborador estruture a avaliação e a discuta com os parceiros antes de finalizá-la e encaminhá-la ao Departamento de Educação (DEE).

Atendendo a solicitações de gestores e professores, foi criado no *Forms* um instrumento protocolar denominado Ata da Avaliação Aberta. Esta prática foi implementada no final de 2023 e, portanto, é considerada um projeto-piloto.

#### **4º Momento – Espaço de diálogo após a correção do instrumento de avaliação**

A proposta consiste, em colaboração com a coordenação e o professor, em analisar os escritos dos alunos e desenvolver estratégias efetivas para minimizar as fragilidades identificadas nos instrumentos avaliativos. O trabalho de retomada é um processo contínuo, pois as fragilidades não são eliminadas dentro do período estipulado pelo Calendário Escolar.

#### **Considerações finais**

Cabe salientar que a abordagem adotada está alinhada às ações do Sistema de Avaliação Escolar (SAEsc®), objeto deste trabalho. Contudo, é importante observar que a escrita pode limitar o pensamento, principalmente quando se trata de descrever um processo complexo como o revelado por esse Sistema, agravado pela necessidade de uma descrição concisa.

Apesar dessas limitações, as considerações finais aqui apresentadas combinam síntese e desdobramentos, reafirmando que, entre as linhas deste artigo, fica claro que o Sistema se configura como uma tecnologia essencialmente formativa. Isso se evidencia pelas diversas oportunidades oferecidas aos professores para compartilharem experiências, seja na produção do Quadro Descritivo (QD), momento em que elaboradores e parceiros definem conteúdos, objetivos e habilidades a serem trabalhados ao longo de um período, na elaboração dos diferentes instrumentos avaliativos (prova objetiva, resposta construída aberta, retomada), ou na Avaliação Aberta, espaço onde elaboradores e parceiros se encontram para alinhar as diversas abordagens desenvolvidas ou que poderão ser desenvolvidas na criação do instrumento avaliativo.

Outro momento importante recomendado pelo Sistema é a produção da grade de correção para as avaliações de resposta construída. Essas grades devem ser estruturadas pelos elaboradores e parceiros, considerando o perfil de cada unidade escolar, no início do processo de correção, visando garantir equidade e transparência. É fundamental reconhecer que o instrumento formal é apenas um dos elementos e será completado no final do último ciclo avaliativo. No caso da prova objetiva, o processo envolve a análise dos resultados, uma ação que deve ser simples, urgente e suficiente para permitir ao gestor e aos docentes tomar decisões e dar continuidade ao novo ciclo avaliativo.

É amplamente reconhecido que a troca de experiências gera conhecimento e fortalece a linha de suficiência previamente estabelecida pela instituição, evidenciando seu aumento à medida que a tríade escolar, gestores, docentes e estudantes, demonstra comprometimento com

seus respectivos papéis. É importante notar que, embora não se possa ignorar as demandas administrativas e sociais que concorram com as ações pedagógicas, essa questão pode ser objeto de discussão em um estudo futuro.

Diante disso, é essencial reiterar as características das ações do SAEsc®, a saber: (a) organização, (b) regulação e (c) disposição para propor ações formativas por meio dos espaços de diálogo.

Em síntese, o SAEsc® pode ser considerado uma tecnologia disruptiva, uma vez que rompe com padrões estabelecidos e é essencialmente formativa. O valor social do SAEsc® reside justamente na sua prática formativa em serviço.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.
- ANDRÉ, M. E. D. A.; MENGA, L. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino.)
- BRINGHURST, R. **Elementos do estilo tipográfico**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CAMARGO, H. W. de. Narrativas visuais na página. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 5, p. 37-58, jul./dez. 2008.
- CANÁRIO, R. A escola: o lugar onde os professores aprendem. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 6, p. 9-27, 1998.
- FERREIRA-LEMO, P. P. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. *In*: SPINK, M. J. P.; FIGUEIREDO, P.; BRASILINO, J. (org.). **Psicologia social e personalidade**. Rio de Janeiro, RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011. p. 89-108.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa**. 68. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Avaliação de quarta geração**. Tradução: Beth Honorato. Campinas, SP: Unicamp, 2011. (Coleção, Saúde, Cultura e Sociedade.)
- LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

MARTINS, L. M. N. Avaliação do processo de aprendizagem: prática e apuração qualitativa em sala de aula. *In*: PANSANI, K. V. (org.). **SePro – Sistema de Avaliação Escolar**. Campinas, SP: Grupo Educacional ATMO, 2020.

RUSSELL, M. K.; AIRASIAN, P. W. **Avaliação em sala de aula**: Conceitos e aplicações. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SANTOS, B. de S. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação e realidade**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 13-32, jan./jul. 2001.

SANTOS, B. de S. Para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade (Introdução). *In*: **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

TEMPLE, L. C. Professor-elaborador e revisor: a interação necessária. *In*: PANSANI, K. V. (org.). **SePro – Sistema de Avaliação Escolar**. Campinas, SP: Grupo Educacional ATMO, 2020.

VERISSIMO, L. F. Cuidado com os revizores. **VIP Exame**, São Paulo, p. 36-37, mar. 1995.

ZULLO, D. A.; ZULLO, F. C. Diagramação da avaliação: parte do processo educativo. *In*: PANSANI, K. V. (org.). **SePro – Sistema de Avaliação Escolar**. Campinas, SP: Grupo Educacional ATMO, 2020.

*CRediT Author Statement*

---

**Reconhecimentos:** PROAP/CAPEs; PPGE/PUC-Campinas; Profa. Elvira Cristina Martins Tassoni.

**Financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Programa de Apoio a Pós-Graduação PROAP/CAPEs. Processo n. 88881846944/2023-01.

**Conflitos de interesse:** As autoras declaram não haver conflitos de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, institucional, política ou financeira.

**Aprovação ética:** Por tratar-se de trabalho qualitativo-descritivo, não houve necessidade de aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados utilizados na confecção deste trabalho estão referenciados e disponíveis para acesso.

**Contribuições das autoras:** **KVP** – Escrita, (Revisão e Edição); **MPGR** – Orientação, Escrita e (Revisão).

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

